

SELETA

SÃO PAULO COMO CENTRO IRRADIADOR DE POVOAMENTO

Capistrano de ABREU

Grande e bem grande centro de povoamento foi S. Vicente, vila fundada em 1532 por Martim Afonso de Sousa. Dela se separou logo Santos, que já existia em 1549. Das duas saiu gente que se estendeu para o Norte até a angra dos Reis e para o Sul até Laguna.

A mata litorânea, que começa em Ilhéus, prossegue para Santa Catarina, até onde avança a serra do Mar; estreita-se, porém, em frente a S. Vicente, onde já fôra vencida antes de Colombo e Pedralvares, graças à circunstância de serem os mesmos os índios que habitavam o litoral e o planalto - os tupiniquins e antes dêstes os guaianases, guarulhos, gualachos, maramomis, diferentes em tudo dos primeiros.

Depois de instalar S. Vicente, Martim Afonso transpôs a serra de Paranapiacaba e criou outra vila, que posteriormente mudou de sede e nome, transformando-se insensivelmente na atual cidade de S. Paulo.

O caminho entre S. Paulo e S. Vicente não era cômodo, mesmo aproveitados os trechos navegáveis do Cubatão e de um dos afluentes do Tietê. Fernão Cardim, que fêz a viagem em 1585, nas melhores condições possíveis para a época, por acompanhar o padre Cristóvão de Gouvêa, visitador da Companhia de Jesus, já pujante e prestigiosa, graças a tantos serviços prestados, empregou nela quatro dias e diz : "O caminho é tão íngreme que às vêzes íamos pegando com

as mãos", antes de chegarem bem cansados ao cume da Paranapiacaba; e depois de passado: "Todo o caminho é cheio de tijucos, o pior que nunca vi, e sempre íamos subindo e descendo serras altíssimas e passando rios caudais de água frigidíssima".*

Portanto, não podiam ser freqüentes as comunicações entre o litoral e o planalto, como logo o vestuário o malsinava. Os moradores de Piratininga, diz-nos o mesmo autor, "vestem-se de burel e pelotes pardos e azuis, de pertinas compridas... vão aos domingos à igreja com roupões ou berneu de caxeira sem capa". E frei Vicente do Salvador, descrevendo a viagem feita por D. Francisco de Sousa uns quinze anos mais tarde, repara: "Até então os homens e mulheres se vestiam de algodão tinto, e se havia alguma capa de baeta e manto de sarge, se emprestavam aos noivos e noivas para irem à porta da igreja".

Assim as asperezas do caminho dificultavam o trato entre o interior e o litoral. E não o favoreciam as condições econômicas, pois Piratininga só precisaria de sal, pólvora, armas e alguns tecidos e quase só podia dar em troca algum ouro de lavagem, que desde logo foi sendo extraído, e os índios apanhados nas bandeiras, que, movendo-se pelo próprias pés, dispensavam conduções dispendiosas. Acrescente-se que os habitantes do campo cegavam às vezes os caminhos, para tolher a ação das autoridades de serra abaixo, representantes do poder real ou senhorial. De tudo resulta a necessidade de considerar o povoado serrano independente de Santos, de S. Vicente e da marinha em geral. Esta, fique logo entendido, só em nossos dias sacudiu o letargo.

A situação geográfica de Piratininga impelia-a para o sertão, para os dois rios de cuja bacia se avizinha, o Tietê e o Paraíba do Sul, teatros prováveis das primeiras bandeiras, que tornaram logo famoso e temido o nome paulista. No Paraná, os jesuítas do Paraguai foram reunindo e domesticando numerosas tribos inermes, indefesas.

Ao assunto que estudamos não pertencem as bandeiras, por motivos óbvios. Concorreram antes para despovoar que para povoar nossa terra, trazendo índios dos lugares que habitavam, causando sua morte em grande número, ora nos assaltos às aldeias e aldeamentos, ora com os maus tratos infligidos em viagens, ora, terminadas estas, pelas epidemias fatais e constantes, aqui e alhures apenas os silvícolas entram em contato com os civilizados. Acresce que os bandeirantes iam e

tornavam, não se fixavam nunca nos territórios percorridos; isto explica o motivo da sua persistência durante mais de um século e seu exílio quando não tornaram mais à pátria.

A atenção que não cabe aos bandeirantes reclamam-na de passagem os conquistadores, homens audazes, contratados pelos poderes públicos para pacificar certas regiões em que os naturais apresentavam mais rija resistência. Os conquistadores podiam cativar legalmente a índia, recebiam vastas concessões territoriais, iam autorizados a distribuir hábitos e patentes aos companheiros mais esforçados. Estêvão Ribeiro Baião Parente, Matias Cardoso, Domingos Jorge Velho e outros fixam êste curioso tipo; geralmente não tornavam à pátria e deixaram sinais de sua passagem e herdeiros de seu sangue em Minas Gerais, na Bahia, em Alagoas e alhures; mas o maior serviço que prestaram consistiu em ligar o Tietê e o Paraíba do Sul ao S. Francisco, através da Mantiqueira, construindo e levando rio abaixo canoas para as quais não havia aqui madeira própria e auxiliarem os curraleiros a se estenderem até o Parnaíba e Maranhão. Domingos Jorge Velho foi um dos primeiros devassadores do Poti.

Ao tempo em que os conquistadores se batiam contra os índios de Paraguaçu e Ilhéus, prosperava à volta de São Paulo grande número de vilas: Moji das Cruzes, Paranaíba, Taubaté, Guaratinguetá, Itu, Jundiá, Sorocaba, são tôdas anteriores a 1680, anteriores ao grande êxodo que assinalou o último quartel do Século XVII. Cada uma das vilas extremas demandava destino diverso: as vilas do Paraíba do Sul apontavam para as próximas Minas Gerais, como Parnaíba e Itu apontavam para Mato Grosso, como Jundiá apontava para Goiás, e Sorocaba para os campos de pinheiros em que já surgia Curitiba.

Para mobilizar tôdas essas fôrças bastou o descobrimento do ouro, ouro corrido, é verdade, como se conseguira já em tantos córregos e rios, mas com abundância de que só em terras de língua inglêsa se encontrou o equivalente em nossos dias.

Os primeiros descobertos lavraram-se em águas do rio Doce, do rio das Velhas, mais tarde, do rio das Mortes e do Jequitinhonha: a população que acudiu procedeu tôda, ou quase, do planalto, especialmente do rio Paraíba do Sul, onde a estreiteza do vale, cavado entre a Mantiqueira e a cordilheira marítima, produzia o efeito de condensador. Logo apareceram outros novos haveres.

Pouco tempo os desfrutaram em paz os descendentes das bandeirantes e conquistadores, derrotados no encontro com os emboabas, ou, para falar com mais precisão, dos aventureiros, na maioria baianos, vindos do Norte, beirando o S. Francisco e o rio das Velhas.

Com a vitória dos emboabas, Itu e Sorocaba assumem seu papel histórico. Pelo Tietê abaixo até a barra, pelo Paraná até o Pardo por êste até a balança das águas com o Paraguai, pelo Coxim, pelo Taquari, pelo Paraguai, pelo S. Lourenço, pelo Cuiabá, atingiu-se a descobertos em que o ouro se apanhou às arrôbas. E logo transposta a chapada e espontados rios que correm ao Amazonas e ao Prata, chegou-se às cabeceiras do Guaporé, desceu-se para o mato grosso do Jauru, ou avançou-se para o alto ao Paraguai. Até aqui, não se atreveram emboabas, mas no labirinto dos pantanais apareceram índios ferozes, não desbastados suficientemente por bandeiras; apareceram as dificuldades da viagem, que desde Ararituaba, ou Pôrto Feliz, pedia quatro a cinco meses, através de mais de cem saltos, cachoeiras, corredeiras e entaipavas. Cuiabá e Mato Grosso, para não sucumbir, tiveram que se desligar de São Paulo.

Antes disto se consumir chegara a vez de Jundiáí, de onde partiu Bartolomeu Bueno e cortando afluentes do rio Grande, e o próprio rio Grande, pondo-se do outro lado do Parnaíba (do Sul) encontrou finalmente os índios goiases, que vira menino, quando por aquelas brenhas guerreava em companhia de seu pai Anhanguera, o diabo velho, o diabo legião que incendiava os rios. Em águas de um afluente do Araguaia pintou o primeiro ouro. Abundantes minas encontraram logo Amaro Leite, Godoy, Calhamara pela ribeira do Araguaia, pela ribeira do Tocantins.

Cêrca de 1 740 minerava-se ouro desde as serranias do Espinhaço até os chapadões dos Parecis, e quase sempre fôra um paulista o descobridor. São Paulo estava, porém, exausto. Densa sua população não era tanta que pudesse resistir a tantas sangrias ininterruptas que a vitimaram. Por maior desventura os podêres públicos quase não deram um passo que não fôsse em detrimento daqueles sertanistas façanhudos.

Artur de Sá, governador do Rio de Janeiro, o primeiro que visitou as minas gerais, teve de ir por terra desta cidade a Parati, e de Parati a Taubaté, para transpor a Mantiqueira. Seguiu assim uma trilha

antiquíssima dos guainases, porque do mesmo modo que a gente de Ilhéus, Pôrto Seguro e Espírito Santo, os fluminenses não se animaram a varar a mata de um a outro lado.

Ofereceu-se a Artur de Sá para abrir comunicação direta com o Rio um paulista, Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias Paes, o governador das esmeraldas. Isto fêz partindo dos descobertos já lavrados, beirando o Paraibuna até o Paraíba do Sul e transpondo a divisória dêste até o rio Morobai ou Pilar, traçado em parte coincidente com a via férrea que já não se chama Pedro II e com a de Melhoramentos a esta reunida. Data daí a ruptura das matas feita por mãos alheias (o fluminense é incapaz de dizer sape a um gato, escreve alguém que os conversou), o florescimento do Rio de Janeiro, que em 1711 já fornecia opimo espólio ao corsário Duguay-Trouin.

A obra antipaulística de Garcia foi continuada por seu concunhado Manuel da Borba Gato, que se estabeleceu no rio das Velhas.

Dali contra a própria vontade e ordens draconianas do ultramar mas urgido por inelutáveis condições demográficas, encaminhou para a Bahia o ouro e o comércio do S. Francisco.

Em Mato Grosso procurava-se remédio contra os ataques ferozes dos paiaguás, guaicurús, caiapós ou porrudos, que desde os pantanais do Paraguai até os saltos do Pardo, balizaram de cadáveres cada palmo de terreno. O que se ofereceu mais adequado consistiu em abrir trato por terra para as minas de Goiás já então descobertas. Desta empresa se encarregou Antônio Pires de Campos auxiliado pelos bororós, que soube atrair ao seu serviço. No princípio do Século XIX Caetano Pinto, nomeado governador de Pernambuco, veio por terra do Guaporé ao rio de São Francisco.

No ano de 1742, Manoel Félix de Lima desceu pela primeira vez o Madeira desde o Sararé e Guaporé até o Pará: José de Sousa Azevedo em 1746 desceu o Tapajós. O governo da metrópole proibiu sob graves penas o aproveitamento dessas vias de comunicação especialmente a do Madeira; mas desde que se erigiu a capitania de Mato Grosso e se escolheu para capital a Vila-Bela não restava outro recurso. Com o

governo de D. Antônio Rolim de Moura se tratou de utilizar o Mamoré e Madeira para as comunicações com o Pará, apesar dos colossais embaraços oferecidos pelo trecho encachoeirado, só vencíveis e só vencidos por via férrea. D. Antônio Rolim de Moura, conde de Azambuja, que alcançara Cuiabá-Mato Grosso e de sua viagem deixou aprazível narrativa, nomeado governador da Bahia em 1766, desceu do Guaporé ao Maranhão, donde foi por terra a seu destino.

O caminho fluvial do Madeira, o caminho terrestre de Goiás, concluíram a obra antipaulística iniciada nos morticínios dos pantanais. Quando Spix e Martius visitaram Pôrto Feliz, na segunda década do passado século, o comércio antigo estava amortecido. Não mais de seis a oito canoas anualmente faziam o serviço, em que não muitos anos antes porfiavam tantas monções.

Também Goiás não se lembrou muito tempo que de São Paulo partira o movimento que o transformara. A divisória das águas entre o Tocantins e o S. Francisco abunda em gargantas, seguramente já trilhadas pelos índios: Duro, S. Domingos, Taguatinga, Santa Maria, Arrendidos etc. Pelas gargantas mais setentrionais, os goianos se comunicaram com a margem pernambucana (esquerda) do São Francisco, de onde com mais facilidade tinha de ir o gado de que precisavam, sob pena de morrerem de fome; pelas mais meridionais atingiram a margem baiana do S. Francisco, ou terras de Minas, que apresentavam como têrmo de viagem os portos da Bahia e Rio de Janeiro, a todos os respeitos mais vantajosos que São Paulo ou Santos. O refluxo de Goiás para São Paulo é toda obra dos nossos dias e precedeu de pouco a abertura da Mojiana.

O governo da metrópole, absorvido por interesses fiscais, sacrificou conscientemente São Paulo a Minas, porque a princípio não tinha confiança nos paulistas, tanto que recomendou ao governador Antônio de Albuquerque que não lhes confiasse armas, e porque, estando o serviço de arrecadação de quintos melhor organizado em Minas Gerais, onde registrou vantagens, patrulhas volantes tomaram tôdas as saídas e as Câmaras municipais prometeram pagar cem arratéis de ouro anualmente, da metrópole galardoadas.

Na segunda metade do século dezoito o megalomaniaco governador de S. Paulo, D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão,

quis aproveitar a posição de Sorocaba e mandou fundar Lajes, em terras que atualmente pertencem a Santa Catarina. Assim e mais com a empresa trágica de Iguatemi não fêz senão consumir a ruína da capitania entregue a seus cuidados. Os paulistas não sabiam mais sertanejar nem minerar. Encontramo-los depois nas tropas regulares empenhados nas guerras platinas desde o refúgio: é seu pêjo extremo.

A estrada de Sorocaba a Pôrto Alegre e ao território das Missões teve sua importância quando vinham às feiras dezenas de milhares de bêstas, mas sua influência durou pouco e esvaiu-se com a introdução do vapor. A Este nela desembarcaram caminhos vindos da marinha, onde a Serra do Mar permitia passagem. A Oeste não romperam a mata nem domaram a indiada. A margem esquerda e a direita do Paraná durante o período colonial não se povoaram, e ainda hoje continuam quase desertas.

Entretanto, lentamente São Paulo foi-se reerguendo. A plantação de cana, de café, a imigração, as estradas de ferro, os fatores geográficos revalorizados, deram-lhe nova e mais vigorosa vida e lhe restituíram a hegemonia que há anos representa em tôda a vida brasileira.

(Caminhos antigos e povoamento do Brasil, 263-269. Biblioteca Básica Brasileira, v. 2. Brasília, Editora da Universidade, 1963).